

1. INTRODUÇÃO

A economia mundial segue apresentando resultados excelentes, com um crescimento forte e geral dos países. Esse crescimento deve revisar para cima as perspectivas para a economia em 2018.

Os EUA, que apresentam sinais de perda de fôlego na economia votarão pelo corte de impostos, o que afetará positivamente esse País. Além disso, o governo Trump tenta reduzir gastos e, conseqüentemente, o déficit, o que pode fortalecer os EUA no longo prazo.

Já a América Latina tem dois países em estratégias diferentes: enquanto o Brasil segue

derrubando as taxas de juros, o México faz o caminho contrário, aumentando-as continuamente há algum tempo. No geral, os outros países estão tendendo mais à redução que ao aumento na taxa.

A confiança na economia brasileira segue em alta, apesar de alguns economistas classificarem o crescimento em 2017 como voo de galinha, pois, os gráficos já mostram a tendência de queda.

Com reformas importantes a serem votadas e eleições próximas, esse cenário ainda deve mudar muito entre um mês e outro.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

Apesar da economia norte-americana permanecer aquecida, o governo enfrenta alguns riscos políticos bem pesados, quais sejam: a votação do plano de cortar gastos e impostos, o risco geopolítico, e por fim, o risco das negociações acerca do déficit.

Os juros devem voltar a subir em breve, mesmo com a inflação controlada, segundo analistas. Isso prejudica o governo, tanto no crescimento quanto na questão fiscal, já que esses aumentos são pesados para as obrigações do Tesouro norte-americano.

A inflação voltou a subir, apesar de seguir em um patamar muito baixo. Economistas dizem que, como o desemprego está baixo, os salários devem começar a subir e, portanto, o aumento da taxa de juros seria um movimento para suavizar o aumento nos preços.

Apesar do aumento recente no preço da gasolina, a meta de inflação segue estável, enquanto a venda de automóveis caiu. Na realidade, o número ainda é alto, no entanto, considerando um período pós-furacões, esperava-se mais.

O dólar se manteve estável na semana e, considerando que estava em alta no mês passado, garante mais um mês bom para as exportações brasileiras.

O Banco Central Europeu não deve apresentar mudanças significativas em suas políticas. A novidade fica por conta da Inglaterra, que deve manter as taxas de juros sem mudanças, entretanto, sinalizando que deverão aumentar nos próximos dois anos.

A Índia segue em um período conturbado de controle de inflação, pois deve ser o primeiro grande aumento desde as mudanças econômicas. Isso deve manter os juros mais

elevados, o que reduz a demanda por produtos, incluindo produtos brasileiros. Resta aos nossos exportadores torcer para que o cenário a ser apresentado não seja tão nebuloso quanto o que se desenhou.

A China está, oficialmente, pagando aos bancos para a redução de créditos, todavia, o que se vê na verdade é o pico de crédito na economia chinesa, com um crescimento 50% acima do esperado. Apesar disso, a inflação segue sob controle, bem abaixo do consenso dos analistas, graças às commodities.

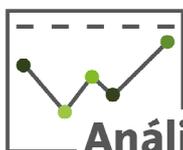
O banco da Indonésia pode reduzir a taxa de juros na próxima reunião, podendo afetar ainda mais a cotação do trigo no mercado internacional.

Já o Banco Central das Filipinas deve anunciar um aumento de juros em breve, pois a economia está sob risco de superaquecimento e a inflação ameaça chegar próxima ao teto da meta.

O banco central russo poderá reduzir sua taxa de juros em novembro, vez que a inflação está abaixo da média. Assim, deve seguir com cortes

O Japão apresentará em breve mais alguns dados sobre sua economia, o que talvez venha a mostrar se o bom momento de sua economia continua -, o que seria uma excelente notícia para o agronegócio brasileiro, principalmente os setores de milho e de frango.

Como já dito anteriormente, o México provavelmente subirá novamente sua taxa de juros, haja vista pelo risco de um presidente socialista ser eleito. Como há muita concorrência com o Brasil no mercado de milho, isso pode significar mais milho no mercado no curto prazo.



Macroeconomia

NOVEMBRO DE 2017

O Irã está recebendo grandes investimentos chineses, visto que as linhas de crédito ocidentais praticamente secaram para o país do Oriente Médio, desde que Trump assumiu o poder, por medo de que sanções contra o programa nuclear iraniano signifiquem a perda dos investimentos na região.

O barril do petróleo segue perto dos US\$57 dólares. Apesar da assinatura do protocolo de produção de petróleo até o final de 2018, o que sinaliza uma redução de quase 2

bilhões de barris. Apesar disso, alguns príncipes sauditas sinalizam que, mesmo sem conseguir atingir o valor que considerariam ideal para a commodity, deve haver uma mudança na política de produção reduzida de petróleo.

O Banco Mundial prevê os preços de commodities agrícolas com aumento de 1,2% na média dos preços; as commodities minerais e metais apresentam previsão de queda de 0,8% na média, segundo a mesma fonte.

3. BRASIL

O FMI, em seu relatório recém-lançado, prevê um crescimento maior para o Brasil, em 2017, para 0,7%, contra 0,2% do último relatório. Segundo o último Boletim Focus, o crescimento deve ficar em 0,91%.

Ainda, segundo esse relatório, a inflação esperada baixou de 3,03% para 2,88%, o que a deixa abaixo do limite inferior da meta, de 3%.

Na última reunião, o Copom baixou a taxa Selic em 50pp, para 7% ao ano. Esse é o menor patamar histórico, sendo a décima queda consecutiva. Especulava-se que a queda poderia ser ainda maior, para tentar não deixar que a inflação terminasse abaixo da meta.

Com essa taxa de juros mais baixa, tanto os custos de investimento como a manutenção de capital imobilizado, como estoques e máquinas, por exemplo, ficam mais baratos.

O desemprego, de acordo com a PNAD, entre julho e setembro de 2017 ficou em 12,2%, com uma queda de 0,2%, já que é o período de contratações para o Natal. Apesar disso, a lenta recuperação de empregos mostra que o mercado de trabalho continua em situação ruim.

O índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) aponta crescimento de 0,58% no terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre de 2017. Os dados mostram retração na agropecuária,

O Real segue em queda em relação ao dólar, pois o mercado segue esperando definições sobre a reforma da presidência e a expectativa quanto a atuação do governo em swaps cambiais, pois o governo anunciou leilões em dezembro, como comprador.

A continuar forte, a recuperação dos preços das commodities deve ajudar o real a se valorizar, já que muito das nossas exportações são de commodities minerais e agrícolas.

Com a escolha de Geraldo Alckmin para presidir o PSDB, é quase certo que esse partido desembarcará do governo Temer, deixando a possibilidade de reformas ainda mais remota. Como provável presidenciável em 2018, Alckmin

difícilmente aceitará o ônus de uma proposta tão impopular como essa.

A reunião da OMC ocorrerá em breve e certamente não haverá avanços, face à questão agrícola, determinante para a economia brasileira.

Se o pior da crise já passou, visto que o Brasil conseguiu controlar a inflação e retomar o crescimento, mesmo que timidamente, há ainda muito a ser feito. Na questão da transparência, ainda há muita informação confidencial para o contribuinte, que é quem sustenta a máquina. O país ainda é deficitário e são poucas as tentativas de diminuir os gastos para reduzi-lo. E ainda há o problema da tributação, excessiva e complexa demais.